

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE -UFCG

UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

MARIA LUIZA DE SOUZA MEDEIROS

LEOAS, LOBAS E SEUS FILHOTES:

A maternidade nas Crônicas de Gelo e Fogo sob a ótica da psicanálise

CAMPINA GRANDE – PB

2016

MARIA LUIZA DE SOUZA MEDEIROS

LEOAS, LOBAS E SEUS FILHOTES:

A maternidade nas Crônicas de Gelo e Fogo sob a ótica da psicanálise

Trabalho de conclusão de curso em forma de artigo apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito básico para conclusão do Curso de Psicologia

Orientadora: Isabela Lemos Arteiro

CAMPINA GRANDE – PB

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”- UFCG

M488l

Medeiros, Maria Luiza de Souza.

Leoas, lobas e seus filhotes: a maternidade nas crônicas de gelo e fogo sob a ótica da psicanálise / Maria Luiza de Souza Medeiros. – Campina Grande, PB: O autor, 2016.

30 f. 21 x 27,9 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Isabela Lemos Arteiro.

1. Psicanálise. 2. Literatura. 3. Freud. 4. Crônicas de Gelo e Fogo. 5. Maternidade. 5. Cersei Lannister. 6. Catelyn Stark. 7. Joffrey Baratheon. 8. Robb Stark. I. Arteiro, Isabela Lemos. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964 (813.3)

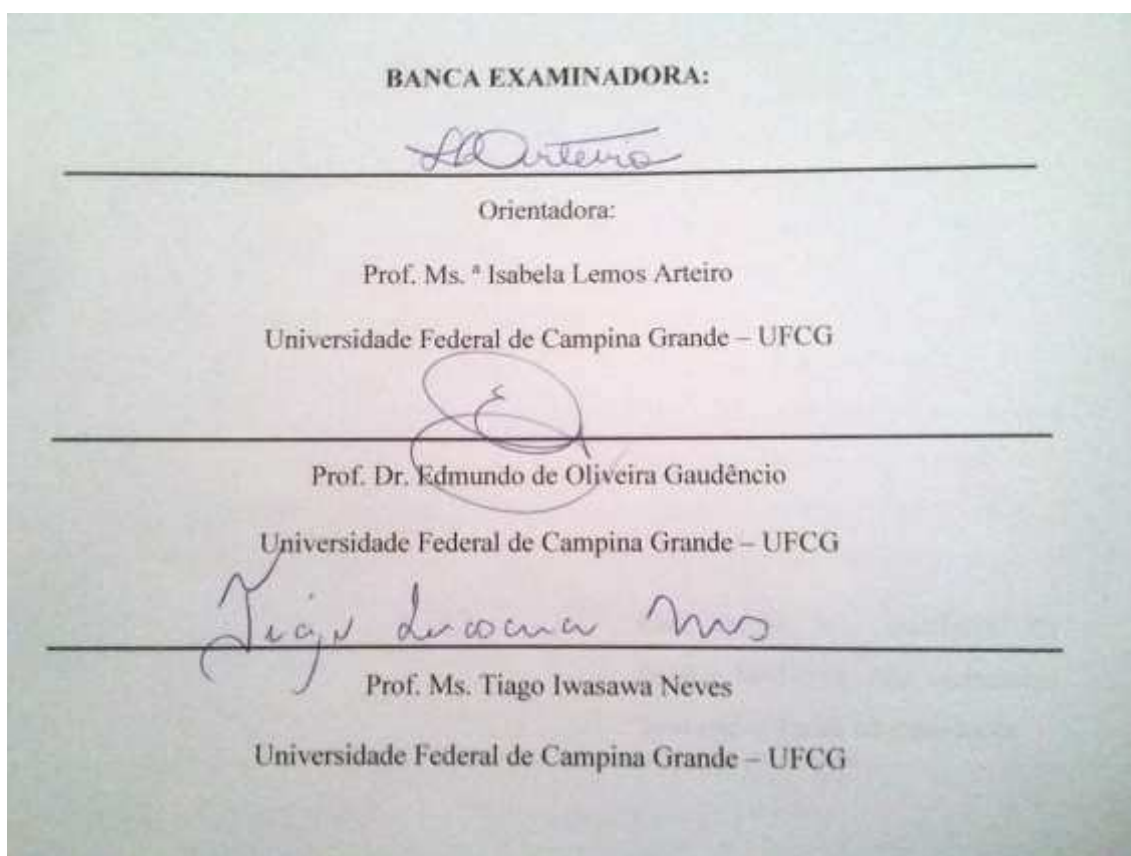
MARIA LUIZA DE SOUZA MEDEIROS

LEOAS, LOBAS E SEUS FILHOTES:

A maternidade nas Crônicas de Gelo e Fogo sob a ótica da psicanálise

Trabalho de conclusão de curso em forma de artigo apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito básico para conclusão do Curso de Psicologia

Aprovado em: 24 / 05 / 2016



CAMPINA GRANDE,

2016.

Para minha vó, matriarca da
família Medeiros, que certamente
leria este trabalho ao entardecer

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, figura sinônimo de amor, proporcionador de conforto e motivação nas horas de necessidade para prosseguimento deste trabalho.

Aos meus pais, que com paciência sempre acreditaram na realização dos meus objetivos e me incentivaram a lutar pelo o que acredito, onde, por mim mesma, pude desenvolver meu próprio senso crítico. A todos os meus familiares em especial minha tia Tânia Medeiros que desde o início da minha vida escolar me proporcionou melhores condições de estudo e inspiração. A minha madrinha Gracileda Souza, que concluiu ao me motivar e ajudar durante toda a minha graduação, e ao meu tio Arlindo, por ser um exemplo intelectual.

A todos os presentes da minha vida escolar e acadêmica, que com gestos singelos, colaboraram para minha trajetória. Em especial aos professores Fábio Freitas, Patricia Brasil e Sílvia Evangelista, carinhosamente Tia Silvinha. Aos meus docentes da graduação, que contribuíram para um despertar crítico e social, além do conteúdo dado em sala de aula. Em especial a minha orientadora Isabela Arteiro, que desde o início do curso se fez presente e prestativa como uma verdadeira figura materna, contribuindo, intervindo, ouvindo e orientando em todos os aspectos. Aos professores convidados para a banca examinadora Tiago Iwasawa e Edmundo Gaudêncio, que foram essenciais para minhas escolhas profissionais. Aos funcionários da universidade que sempre de um modo simpático me prestaram assistência, em especial Torreão, Arlete, Adriana e Arlindo. Aos membros do PET Saúde da Infância e Adolescência 2012/2014, que me proporcionaram grande aprendizado e contato com o real através do projeto.

Aos todos os meus amigos que sempre acreditaram em meu potencial, com ressalva às minhas amigas de infância e vida Viviany, Thaise e Déborah. Minha turma de estágio Jullyanna, Jéssica, Thaís e Matheus Dourado, que sempre foram prestativos. E aos amigos de longa conversa que sempre acreditaram neste trabalho Raissa Nóbrega, Matheus Nascimento, Nyele Gomes, Ana Beatriz, Rafael Gonçalves, Wéryka Dantas, Abu Silva, João Aleixo, Jhuana Lícia, Jamilly Moraes e Amanda Dantas. A minha amiga-irmã Giulia Michelin, que foi presente durante as madrugadas, ligações, tristezas e alegrias, sempre me motivando e acreditando no meu potencial. Agradeço também a Ana Steinmüller pela revisão ortográfica e pela disposição prestada.

Por fim, ao senhor George R. R. Martin que me proporcionou um mundo épico através de seus escritos no qual tomo como base para este trabalho.

“Eu não sei para onde irei a partir daqui, contudo prometo que não será tedioso.” *David Bowie*

Resumo:

Levando em conta que a psicanálise é capaz de proporcionar um estudo aprofundado não apenas dos romances literários, mas também das pinturas, do cinema e das séries, tomaremos a obra do autor George R. R. Martin intitulada *As Crônicas de Gelo e Fogo* como objeto de nossa investigação. Neste sentido, consideramos plausível lançar mão de personagens literários tais quais os pacientes que nos procuram na clínica psicanalítica para relatar os fragmentos de seu romance singular através das narrativas de suas angústias, dilemas, fantasias e sonhos.

Este trabalho faz uma tentativa de articular uma relação voltada para o aspecto da maternidade das personagens Cersei Lannister e Catelyn Stark, personagens das *Crônicas de Gelo e Fogo*, popularmente conhecida como *Guerra dos Tronos* com conceitos psicanalíticos.

Através de uma discussão trará um pensar a respeito do desenvolvimento infantil através do conceito Freudiano, o complexo de Édipo, unindo ao conceito do complexo de castração e como através dos mesmos, Freud traz as três saídas femininas, além das possibilidades de constituição na subjetividade das mulheres das condições para o surgimento da “mãe suficientemente boa” conceito de Winnicott.

Também abarcará sobre a relação das personagens com seus filhos primogênitos, respectivamente, será realizada uma ponte entre as duas mães identificando aspectos de seus comportamentos, o modo que suas atitudes se desencadearam ao longo do enredo, que elegeram seus filhos como objeto de amor, e conseqüentemente, como conduziu ao fim dos personagens, por conseqüência. Como Base será trabalhada em suma a teoria Freudiana, abrangendo autores posteriores como Miller, Green, Laurent e outros.

Palavras Chaves: Psicanálise, Literatura, Freud, *Crônicas de Gelo e Fogo*, Maternidade, Cersei Lannister, Catelyn Stark, Joffrey Baratheon, Robb Stark.

Abstract:

Considering that psychoanalysis is able to provide a thorough study not only of literary novels, but also paintings, films and series, we will take the author's work George RR Martin entitled "A Song of Ice and Fire" as the object of our investigation. In this sense, we consider likely to resort to literary the characters as such the patients who come to us in the psychoanalytical clinic to report the fragments of his singular romance through the narratives of their anxieties, dilemmas, fantasies and dreams.

This work is an attempt to articulate a focused relationship in motherhood aspect of the characters Cersei Lannister and Catelyn Stark, characters of the "Song of Ice and Fire", popularly known as Game of Thrones with psychoanalytical concepts.

Through a discussion, will bring a think about child development through the Freudian concept, the Oedipus Complex, joining the Castration Complex concept and how through them, Freud brings the three female outputs, in addition to the creation of opportunities in the subjectivity of women's conditions for the emergence of "good enough mother", Winnicott's concept.

Also will cover the relationship of the characters with their eldest sons, respectively, a bridge between the two mothers identifying aspects of their behavior will be held, the way their attitudes are triggered along the plot, which elected their children as love object, and consequently, as the leading end of characters, therefore. As Base will be worked in short Freudian theory, covering later authors such as Miller, Green. Laurent and others.

Keywords: Psychoanalysis, Literature, Freud, A Song of Ice and Fire, Maternity, Cersei Lannister, Catelyn Stark, Joffrey Baratheon, Robb Stark.

Sumário

Introdução	12
2 – Noções Conceituais a partir da perspectiva psicanalítica	14
2.1- O Complexo de Édipo	14
2.2 - O Amor Entre Mãe e Filho	18
2.3 - A Criança Como Objeto de Amor	19
3- Apresentando a obra: <i>A Guerra dos Tronos – As Crônicas de Gelo e Fogo</i>	21
3.1 –Cersei e Joffrey	21
3.2 - Catelyn e Robb	24
4- Discussão: Sobre os personagens - entre leões e lobos	27
5- Considerações Finais.....	30
REFERÊNCIAS	31

Introdução

A popularidade da obra de George R. R. Martin entre os amantes da literatura e ficção é notória e vem sendo dissipada nos mais diferentes meios sociais em virtude de sua relevância para a sociedade atual, inclusive para o meio acadêmico, muito além do contexto literário. Temos o que Barthes (1987) referencia como um texto de prazer, responsável pelo contentamento, proporcionador de euforia e que é advindo da cultura sem causar uma ruptura, trazendo assim uma prática confortável da leitura. Segundo o autor, a modalidade literária que podemos considerar como leitura de entretenimento, é, ao mesmo tempo, vista como um texto de fruição, que seria o que põe em estado de perda, que traz desconforto e provavelmente um enfado, além de vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (Barthes, 1987)

Em seu artigo acerca de Psicanálise e Literatura, Teixeira (2005) trata sobre a formação humanista de Sigmund Freud e a construção de seu caminho teórico, enfatizando o relato clínico, bem como as obras literárias como fundamentais para construção das proposições metapsicológicas. De fato, é nesse sentido que a literatura, por seus meios particulares de apreensão do que escapa à lógica da razão, surge como o laboratório no qual Freud se exercita na investigação da psique. Neste sentido, a psicanálise por si só toma referências da literatura, além de proporcionar aos literatos um aprofundamento no processo de criação, de liberação do inconsciente. (Beckel, 2004). Um analista é um leitor atento, que busca o sentido oculto naquilo que lhe é dito.

No texto de 1908, *Escritores criativos e Devaneios*, Freud contempla a dimensão criativa do escrito, tratando-a como uma substituição da atividade do brincar infantil, ou seja, em sua concepção o adulto que abandona a brincadeira e a fantasias tenderá a desviar esta energia para as criações literárias. O poeta deixa sua fantasia se evadir pelo uso das metáforas, o romancista pela criação de histórias, situações e tipos de narrações advindas de seu imaginário que percorrem outras mentes e trazem diversas interpretações. Os romancistas podem nos ensinar muito acerca da subjetividade humana na medida em que escrevem histórias detalhadas acerca de seus personagens que, por sua vez, não deixam de ser subjetividades.

Villari (2000), em seu artigo, aborda a importância deste campo de investigação, atribuindo a relação da psicanálise à literatura como aditiva, onde se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica e, ao mesmo tempo, extrativa, interessada em procurar resgatar do literário, elementos que venham a nutrir a psicanálise.

Levando em conta que a psicanálise é capaz de proporcionar um estudo aprofundado não apenas dos romances literários, mas também das pinturas, do cinema e das séries, tomaremos a obra do autor George R. R. Martin intitulada *As Crônicas de Gelo e Fogo* como objeto de nossa investigação. Neste sentido, consideramos plausível lançar mão de personagens literários em uma posição semelhante aos pacientes que nos procuram na clínica psicanalítica para relatar os fragmentos de seu romance singular através das narrativas de suas angústias, dilemas, fantasias e sonhos.

O primeiro volume de *As crônicas de Gelo e Fogo*, “*The Game of Thrones*”, foi lançado em 1996 nos EUA, no Brasil somente em 2010 com o título “*A Guerra dos Tronos*” que se tornou um grande sucesso de vendas. Esse sucesso se deve também pelo fato de que em 17 de abril de 2011 o canal de TV a cabo HBO estreou a série *Game of Thrones* baseada no primeiro volume da saga.

As histórias de fantasia são geralmente construídas partindo de estereótipos que os leitores estão acostumados a perceber, trazendo sempre o dualismo entre mocinhos e vilões, porém em *Game of Thrones esta visão é desconstruída, trazendo complexidade aos personagens e tornando-os mais humanos, além de não deixar nenhuma alegoria do poder feminino inexplorada*. O que difere o enredo da série, baseada nos livros de George R. R. Martin, não é o caráter feminista das personagens, mas sim a importância dada a elas na história. Fugindo dos clichês de um enredo medieval em que os homens são as figuras de frente do jogo de poder, as mulheres de *Westeros* são as peças principais e acabam por decidir o verdadeiro destino dos homens da saga.

Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é fazer uma articulação entre as personagens Cersei Lannister e Catelyn Stark com foco na maternidade e na escolha de um filho, Joffrey Baratheon e Robb Stark, respectivamente, como objeto de amor. Para este fim trataremos o tema da maternidade à luz da Psicanálise, além de utilizarmos alguns conceitos psicanalíticos como o Complexo de Édipo, Complexo de Castração,

narcisismo, maternidade fetichizada, objeto *a* entre outros. A articulação entre a literatura e a psicanálise é realizada visto que, em seus escritos e desenvolvimentos de teorias, Sigmund Freud(1933) utilizou das mesmas, onde para elucidar conceitos não elucidados, conclama aos poetas e escritores.

2 – Noções Conceituais a partir da perspectiva psicanalítica

2.1- O Complexo de Édipo

Para realizar uma articulação sobre as personagens escolhidas, à luz da psicanálise, foi necessário compreender alguns conceitos fundamentais da própria teoria psicanalítica. Desse modo, iniciaremos nossa jornada pelo conceito que vai orientar a teoria freudiana, a saber, *O Complexo de Édipo*¹. Sabendo que Freud instituiu o mesmo a partir do mito de Laio, rei de Tebas, que é advertido por um oráculo que sua vida corria perigo caso seu filho recém-nascido crescesse. Ele então entrega a criança a um pastor, ordenando a matá-la. Porém, levado pela piedade e não querendo desobedecer, amarra a criança a um pé de árvore, que, por sua vez, fora encontrada por um camponês que o leva para seus patrões. O casal resolve adotá-lo, nomeando-o por Édipo.

Muitos anos depois, Laio na estrada que leva a Delfos se depara com um jovem que atrapalha seu percurso. Recusando-se a obedecer a ordem de se afastar, o servo do rei, a pedidos do mesmo, mata um dos cavalos do jovem, e este, por consequência, assassina o rei. Trata-se de Édipo o jovem a quem nos referimos, que acabara de se tornar assassino involuntário do próprio pai. Pouco tempo depois, Tebas se viu afligida pela Esfinge que detinha todos os viajantes com seu enigma. Caso este fosse solucionado, as pessoas teriam suas vidas a salvo. Caso contrário, a perderiam. Édipo não se intimidou com o monstro, aceitou o desafio e resolveu o enigma, causando tamanha humilhação na esfinge que acabou por se atirar do alto do rochedo. O povo de Tebas então fez de Édipo rei, como gratidão, dando-lhe a rainha Jocasta em casamento,

¹ Importante ressaltar que a teorização Freudiana foi muito influenciada pelos padrões culturais e sociais da época em que vivia e, neste sentido, ele assume uma posição de superioridade masculina em relação ao sexo feminino. Tais pressupostos são fundamentais à psicanálise, contudo podem ser discutidos nos dias atuais em virtude dos diferentes modos de subjetivação. Esta discussão, no entanto, não será levada a cabo no presente trabalho.

o que fez com que o mesmo, sem conhecimento, casasse com sua própria mãe. O assassinato do pai e o casamento com a mãe ficaram desconhecidos até Tebas ser assolada por uma peste e o oráculo ser consultado novamente, revelando então os crimes. Jocasta então comete suicídio e Édipo, horrorizado, fura os próprios olhos e foge de Tebas, sendo abandonado por todos, com exceção de suas filhas, que o seguiram. (Bulfinch, 2006).

Freud, ao descrever a respeito da triangulação pai, mãe e o filho, lança mão do mito grego para metaforizar o que se passa entre tais figuras familiares. Portanto, segundo sua teorização, tanto o menino quanto a menina, ao nascerem, têm a mãe como primeiro objeto de amor. Entretanto, ao se aproximar do que ele denominou como fase fálica, que é introduzida em 1923 com “*A Dissolução do Complexo de Édipo*”, que ocorre por volta dos três anos de idade, na qual a energia pulsional é investida prioritariamente nos genitais como zona erógena, algumas alterações ocorrerão em relação à seleção do objeto amoroso.

Nos *Três ensaios sobre sexualidade* (1905), precisamente no primeiro ensaio, quando Freud aborda sobre as transgressões anatômicas, a ênfase se dá na supervalorização psíquica com que é aquinhado o objeto sexual, enquanto alvo da pulsão. A descoberta da diferença sexual anatômica entre meninos e meninas torna-se um acontecimento importante para a entrada no Complexo de Édipo, conforme veremos a seguir, com distinção para cada um dos sexos.

Conforme nos ensina a teoria, no caso dos meninos não ocorrerá uma mudança em seu objeto de amor. A mãe, que desde a primeira infância fora seu objeto prioritário, continuará a ser também neste momento. Contudo, a descoberta da diferença sexual anatômica, ou seja, a falta de pênis nas meninas levanta um importante questionamento aos meninos: O que elas haveriam cometido para merecerem uma punição tão severa? Esta indagação é justificada pelo fato de os meninos terem a mãe como o seu objeto de amor, contudo a presença do terceiro, ou seja, o pai, acarretaria em um temor da castração e medo em relação a esta figura, passando a ser visto como principal rival. Assim, como saída ou resolução para o Complexo de Édipo nos meninos, Freud descreveu que eles deverão passar pela renúncia ao amor incestuoso pela mãe em virtude de uma possível ameaça de castração, e, paralelo a isso, uma aproximação ao pai como um ideal de identificação, esperando quem sabe um dia conquistar uma mulher tal qual o pai fizera.

Já para a menina que, por sua vez, se descobre faltante, a operação se dá de maneira diferente. Assim como o menino, a menina tem a mãe como seu primeiro objeto de amor, contudo ao deparar-se com sua falta real, ou seja, a ausência do pênis, responsabiliza a genitora por sua condição, produzindo, conseqüentemente, uma hostilidade em relação a esta figura. A partir de então, se voltará para o pai na esperança de receber aquilo que lhe falta. Não sendo possível ao genitor dar-lhe o falo, a menina requer outra coisa, a saber, um bebê como substituto fálico. Neste sentido, todas as investidas e seduções da menina em relação ao pai têm como justificativa sua falta constitucional. Assim, no Complexo de Édipo das meninas ocorrerá uma mudança em relação ao objeto de amor, uma substituição da mãe, que fora o primeiro objeto, para o pai. Entretanto, é da mãe que ela aprenderá os recursos necessários para seduzir o sexo oposto. Nesta passagem, a mãe torna-se a principal responsável por transmitir a sua filha as facetas do feminino. (Freud,1924). Portanto, o complexo de castração é preparador para o complexo de Édipo feminino. Em outras palavras, sendo a mãe a agente da falta, a menina busca pelo pai enquanto objeto de amor, substituindo o desejo de ter um pênis pelo desejo de ser mãe. É importante ressaltar que a *Conferência Sobre Feminilidade* (1933), postula que os dados anatômicos e biológicos seriam insuficientes para definir o que é o masculino e o feminino, atribuídos na cultura, às funções reais e simbólicas, inerentes ao homem e à mulher. A descrição freudiana faz equivaler "masculino" a ativo e "feminino" a passivo, advertindo que podem ser influenciados pelo social.

A partir das conclusões que Freud chegou em seu trabalho de 1924, *A Dissolução do Complexo de Édipo*, a mulher se dá conta da superioridade masculina e de sua própria inferioridade ao deparar-se com sua falta no real do corpo vivido na descoberta da diferença sexual anatômica. Mais adiante Freud (1933) pode concluir que na resolução do Complexo de Édipo e para lidar com a inveja do pênis há três saídas possíveis. A primeira seria a inibição sexual ou neurose, que consiste em um recalçamento da sexualidade, onde há uma renúncia à satisfação da masturbação com o clitóris e hostilidade em relação à mãe. A segunda trata-se do complexo de masculinidade em que a recusa da passividade deriva em um posicionamento masculino e, em casos extremos, a escolha de objetos homossexuais. Na terceira, a feminilidade *normal*, o desejo de ter um pênis deve, então, ser substituído pelo desejo de ter um filho. Dito de outro modo, na percepção freudiana, o complexo de castração

prepararia a mulher para a condição feminina, de maneira a colocar a menina em uma posição favorável ao exercício de seus papéis posteriores de mãe e esposa. O desejo de ter um pênis e, posteriormente, um filho contribuem para a passagem da menina para mulher.

Diante da descoberta da diferença sexual, Serge Andre apresenta em seu livro *O Que Quer Uma Mulher* (1998), que a perceptividade da anatomia não se aplica no psíquico, neste, apenas se apresenta a consequência da diferença, ou seja, o complexo de castração. Contudo, não é esta conclusão que será de suma importância, mas sim o uso que os meninos e meninas farão da mesma para determinar suas atitudes. Uma das consequências da ausência de inscrição inconsciente da diferença sexual anatômica é responsável pela instituição do modo de pensar masculino e feminino. Nesse sentido, a maneira com que cada sujeito reage e enfrenta a sua condição faltante, bem como os mecanismos psíquicos possíveis para esta elaboração determinará o modo com que cada um se estrutura subjetivamente.

Serge André (1998) aborda as três consequências trazidas por Freud a respeito do complexo de masculinidade desencadeado pela inveja do pênis. A primeira consequência seria a inferioridade, afetando diretamente no narcisismo, desencadeia um sentimento de desprezo pelo sexo feminino, uma vez que o mesmo seria visto como reduzido. A segunda consequência trata-se do desencadeamento do ciúme feminino, nos quais outros objetos femininos ganhariam um lugar de relevância em relação ao próprio sujeito. A terceira consequência seria o afrouxamento da ligação terna da mãe enquanto objeto, uma vez que esta não a agraciou com a oferta do falo, um importante signo sexual. Versado que a maternidade não é equivalente a feminilidade, a identificação com a mãe, de um modo geral é ambivalente, uma vez que a mãe também não possui pênis.

Ao contrário do que ocorre no masculino quando o menino, pelo temor da castração, renuncia ao amor pela mãe e instaura o superego, na menina dá-se tardiamente e de forma incompleta, sem um fator específico, o que causa prejuízos à formação superegógica. Freud conclama a literatura e os poetas para tratar da temática da feminilidade, pois em sua obra ela permanece inacabada e enigmática, demandando sempre novos estudos e desenvolvimentos. Sampaio (2002) traz que a narrativa da literatura é uma interpretação da existência, que possibilita destinações para o que no

sujeito é incompreendido, e a psicanálise em sua constituição encontrou-se com o legado da tradição literária.

2.2 - O Amor Entre Mãe e Filho

Partindo de um posicionamento mais otimista, nas *Novas Conferências Introdutórias* (1933), Freud considera que a mãe só se satisfaz plenamente em sua relação com seu filho menino, observando que se trata do relacionamento humano mais livre de ambivalências. A ambição da mãe em suprimir a si mesma é transferida para seu filho, a partir de uma espera satisfatória de todos os componentes restantes de seu complexo de masculinidade. Freud ressalta também que enquanto a mulher não conseguir tornar seu marido também seu filho, seu casamento não será seguro.

O modo como cada mulher pôde processar o seu encontro com a castração se atualizará na relação estabelecida com seus filhos. Nesse sentido, se acaso a mulher não pôde passar por uma resolução do complexo de Édipo e se tampouco elaborou o encontro com a castração corre-se o risco de colocar o filho no lugar de seu objeto perdido, ou seja, o falo que não lhe foi ofertado. Conforme preconizou Lima (2006) na tese intitulada *Da mãe a mulher: Os circuitos do amor, desejo e gozo*, a maternidade pode colocar a mulher em posições extremamente ambivalentes, ora vivenciando uma plenitude fálica, contudo em algumas ocasiões a relação com o filho pode colocá-la diante de sua condição faltante, ratificando o encontro com a castração. Isso oscilará a depender do momento que um filho chega na vida de uma mulher e a significação que ele tem em sua história, bem como os meios pelos quais ela resolveu ou não suas questões edípicas. Em *A Criança entre a mulher e a mãe* (1996), Miller considera que a consequência da metáfora infantil do falo só será bem-sucedida caso falhe, não fixando o sujeito à identificação fálica.

Em sua tese, Lima (2006) traz que à mulher é atribuída uma quantidade maior de narcisismo, onde para o sexo feminino ser amada é uma necessidade mais forte que amar, e nessa corrente de pensamento ter um filho seria caminhar para o amor objetal, resgatando, então, o narcisismo primário, que é vivido pelos pais com o nascimento dos filhos. Por esta razão, todas as perfeições e expectativas são atribuídas aos filhos. Lima ainda escreve que:

O narcisismo, em Freud, refere-se ao aspecto de fascínio e sedução que a imagem de si próprio exerce sobre o sujeito, pleno, absoluto pela miragem que se vê. O amor de si próprio está referido a esse ideal que ele elege e com o qual se mede. O sujeito não quer renunciar a este ideal, da sua primeira infância, à ilusão de perfeição narcísica, e vai buscar, nas relações amorosas subsequentes, reviver essa ilusão, reencontrando seu ideal. Na idealização, o objeto é supervalorizado, estimado e elevado pelo sujeito. Mas, é interessante que Freud utilize o supereu e o ideal do eu como sinônimos, pois se pode pensar em quanto essa idealização pode elevar a uma exigência tirânica de que o objeto responda ao ideal ao qual está relacionado. (2005, p. 66)

Considerando esses elementos, entende-se que o narcisismo materno será depositado na criança, onde se encontra recoberta a falta da mãe.

Laurent (1999) elucida que a fascinação pela relação mãe-filho encobre o fato de que a criança é um objeto condensador de gozo para mãe. O gozo tem seu conceito implicado na maternidade, onde para Lacan (1957-58), a função decisiva do falo não deve ser confundida com o pênis. A satisfação encontrada na criança atenua a necessidade do falo, causando uma saturação. Farias & Lima (2004), nos acrescenta que cada mulher possui um modo de lidar com a maternidade, seja aceitando, recusando ou a buscando sem medir esforços. Como mãe do dever ou do amor, sendo por este ou por ódio, por sua relação com a castração, e, por sua posição masculina ou feminina. Tais posições se multiplicam e incidem na estrutura da criança, de acordo com o modo que a mãe consegue lidar.

2.3 - A Criança Como Objeto de Amor

Miller (1996), retomando um conceito de Winnicott², traz em seu texto “A Criança entre a mulher e a mãe”, que a mãe não ser suficientemente boa acarretará em um não preenchimento, causado pela criança, da falta que se apoia o desejo materno. Farias & Lima, nos complementa que:

Para a mãe, a criança, longe de ser apenas a criança, é também o falo. Ao tomar este valor de falo, ela se identifica com o significante do desejo materno. Resta saber de que modo a criança vai se instalar na relação da mãe com sua falta-a-ter do falo. Como a criança vai se engajar, se introduzir e se substituir ao apetite materno pelo falo faltoso. Para Lacan, há uma diferença significativa se a criança

² Lobo traz em seu artigo “As Condições do Surgimento da Mãe Suficientemente Boa” (2008), que ao falar sobre a mãe ser “suficientemente boa”, Winnicott traz um reconhecimento e descrição da mãe que fazia bem a seu bebê e sobre relacionamento entre eles como modelo do tratamento psicanalítico. Ao falar sobre “a mãe suficientemente boa”, apenas descreveu o que observou e aprendeu na prática pediátrica e no deslocamento para a clínica psicanalítica da assistência social e coletiva.

ocupa o lugar de metáfora do amor da mãe pelo pai ou se ela funciona como a metonímia do desejo materno pelo falo. (2004)

A mãe só é suficientemente boa se não é em demasia, ou seja, se os cuidados dispensados à criança não a desviam de desejar enquanto mulher.

A metáfora paterna é responsável pela divisão do desejo, e, caso esta seja levada ao extremo, não sustenta a reverência materna perante à lei do desejo, o que implica que a ênfase atribuída ao valor fálico da criança é perdida quando se promove de forma unilateral a função de preenchimento. A mãe esquece que a criança a divide entre suas posições entre mãe e mulher.

O objeto criança não apenas preenche, mas também divide. É fundamental que a mãe possua outros desejos além da criança, em razão de que se não houver uma divisão, a criança sucumbe como dejetos do par genitor, ou entra com a mãe em uma relação dual que o alicia, em termos lacanianos, com a fantasia paterna. Quanto mais a criança preenche a mãe, mais traz angústia para a mesma. A ausência do desejo é responsável pela angústia desencadeada na mulher, em outras palavras, é aquela que deseja pouco ou mal enquanto mulher.

Compreendendo que o objeto é uma das dimensões³ da pulsão, conceito que Freud (1915) define como um limite entre o somático e o psíquico, representante psíquico dos estímulos originais no corpo, uma estimulação constante que converte o órgão corporal em uma zona erógena que alojará a libido. Laurent (2007) afirma que o conceito laciano de objeto *a* se refere a uma parte de gozo que sobra como resto de uma operação de extração. O objeto também está em ruptura com o Outro, no que este tem de universal, mas, diferentemente do sujeito, localiza-se com relação a algo prévio ao Outro. Em “Nota sobre a criança” (1969), Lacan aborda sobre o sintoma da criança como o que pode responder ao par familiar ou ao objeto do fantasma materno. Ele aponta que a criança tanto pode ser colocada no lugar de substituto fálico para os pais, quanto ser posta no lugar de objeto. Lacan (1969) também afirma que a criança pode realizar a presença de objeto na fantasia materna, o que a deixaria exposta a todas as capturas de veledade. Ao se tornar o objeto da mãe, não teria outra função senão a de revelar a verdade desse objeto.

³ As dimensões da pulsão são responsáveis pelo alcance da satisfação. Elas se dividem em pressão (*drang*) constante, alvo (*ziel*) que é a satisfação, a fonte (*quelle*) que são as zonas erógenas, e o objeto (*objekt*), que permite alcançar a satisfação, sendo o que há de mais variável e contingente. (Freud, 1915)

Em suma, a criança como objeto é entendê-la de outro modo que não como revestida por uma significação fálica. Ao compreender a criança como objeto, enfatiza-se o lugar que a criança ocupa em relação ao gozo, à satisfação pulsional. A ênfase não é a criança capturada como ideal, mas como objeto do qual se pode gozar.

Lima (2006) acrescenta que a relação entre a mãe e o filho é registrado sob uma ótica pulsional, e não no campo do instinto materno, pois o organismo humano é capturado pelo aparato simbólico, que investirá o sujeito antes de seu nascimento. As necessidades serão inscritas pela linguagem, e o corpo passará a ser pulsional, funcionando não somente de modo biológico. A partir dos conceitos pautados, será realizada uma discussão acerca dos personagens após as histórias das *Crônicas de Gelo e Fogo* ser abordada, e conseqüentemente, Cersei e Joffrey e Catelyn e Robb.

3- Apresentando a obra: *A Guerra dos Tronos – As Crônicas de Gelo e Fogo*

As Crônicas de Gelo e Fogo contam a história dos sete Reinos de Westeros, onde "verões duram décadas e os invernos uma vida inteira" e mostram as violentas lutas dinásticas entre as famílias nobres para ter o controle do Trono de Ferro, um importante objeto que foi forjado das espadas dos reis mortos. Enquanto isso, nas regiões desconhecidas ao norte da Muralha e nos continentes ao leste, ameaças adicionais começam a surgir.

Freud traz em *Totem e Tabu* (1913), uma importante explicação sobre o sistema totêmico. Este remete a alguns povos primitivos encontrados em diferentes localidades geográficas, consistindo em uma forma de organizar a sociedade nos moldes hierárquicos e religiosos de um determinado clã. O Totem, de onde deriva o termo totemismo, consiste em uma estrutura sagrada que, geralmente, simboliza um animal ou planta sagrada. *Nas Crônicas de Gelo e Fogo*, as famílias são divididas em casas, formando assim os sete reinos. Cada casa possui características específicas e um animal que a represente, o que, a nosso ver pode ser associado à noção do Totem conforme descrito por Freud.

As principais Casas são as das famílias Stark, Lannister, Baratheon, Targaryen, Martell, Arryn, Tyrell, Tully, Bolton e Greyjoy. Todas detentoras de um lema, características individuais e um animal totêmico. Uma breve narração sobre as histórias das personagens Cersei Lannister e seu filho Joffrey Baratheon; e, Catelyn e

seu filho Robb Stark, será realizada para análise será realizada para uma melhor compreensão acerca da obra, e, portanto, o desenvolvimento da articulação com os conceitos supracitados.

3.1 –Cersei e Joffrey

Cersei é a filha mais velha de Lorde Tywin Lannister e a irmã gêmea de Jaime Lannister. Depois da *Rebelião de Robert*, ela se casou com o novo rei, Robert Baratheon e se tornou a rainha dos Sete Reinos. Cersei tem uma relação sexual incestuosa com Jaime, que é secretamente o pai de seus três filhos, Joffrey, Myrcella e Tommen.

Joffrey, o primogênito de Cersei, possui os traços Lannister de seus pais, alto para sua idade, com cabelos loiros encaracolados, e é bonito. Possui olhos verde-claros, lábios cheios e um olhar de desdém. Usa sempre as mais finas vestes e acessórios, como é esperado do herdeiro real. Joffrey nasceu do incesto entre a Rainha Cersei e seu irmão Sor Jaime. A verdade do seu nascimento, entretanto, foi mantida em segredo, inclusive do Rei Robert, e foi apresentado ao mundo como filho legítimo deste, e herdeiro ao Trono de Ferro. Cresceu como uma mimada e indulgente criança, com impulsos cruéis. Robert nunca questionou a paternidade do garoto, porém é claramente apontado nos livros que o Rei se sentia decepcionado com o 'filho', e guardava pouca afeição para com Joffrey. Em contraste, é sugerido nos livros que Joffrey desejava muito o respeito e aprovação de Robert, e muitos de seus atos foram realizados num esforço para tentar atender às expectativas de seu 'pai'. Numa ocasião, ao saber que uma gata estava prenha, Joffrey matou o animal e cortou sua barriga para ver os gatinhos dentro. Ele mostrou um dos fetos mortos a seu pai. Robert ficou tão chocado e bravo que bateu tão forte no garoto, arrancando-lhe dois dentes-de-leite. É também apontado nos livros que Joffrey maltratava seu irmão Tommem.

Cersei, em suma, é voluntariosa, ambiciosa e possui pouco tato com a política, o que difere de sua própria opinião, gostando de ver a si mesma como a verdadeira herdeira de seu pai, além de que se ofende quando questionam suas ordens. É ressentida com as restrições que lhe impõe devido ao seu sexo, mas nunca percebeu que as pessoas não dão o devido respeito às suas ordens porque é uma líder incapaz. Os sentimentos de

Cersei com relação ao pai são complexos. Ela se ressentiu porque ele a obrigou a se casar com Robert Baratheon e por nunca conceder a ela autoridade no governo como era seu desejo, por outro lado o admira e procura imitar a sua capacidade como político. Ela detesta Tyrion (o irmão anão) desde que nasceu, acusando-o de matar sua mãe. Também desenvolveu um profundo desprezo por Robert, mesmo tendo ficado otimista na véspera de seu casamento com ele. As únicas pessoas que Cersei realmente ama são seu irmão gêmeo, Jaime, com quem ele manteve um relacionamento incestuoso desde a adolescência, e seus filhos, que carregam o sobrenome Baratheon, mas na verdade são filhos de Jaime. O amor de Cersei por seu irmão Jaime e seus filhos é de um modo narcísico, ou seja, como uma projeção de si mesma.

Quando o rei Robert é morto supostamente em um acidente de caça, secretamente planejado pela própria Cersei, Joffrey assume o Trono de Ferro, ignorando a vontade de Robert, que deu a regência temporária para Eddard Stark. O lorde Stark é preso e mais tarde executado por ordem de Joffrey, um ato que inicia a Guerra dos Cinco Reis. Cersei é incapaz de controlar os excessos de seu filho cruel e mimado, abarcando todos os seus caprichos e sendo extremamente devotada à Joffrey. A guerra é vista como culpa da coroa em geral. Como Porto Real está ameaçada por Stannis Baratheon, Cersei se envolve em uma luta de poder com seu irmão Tyrion, agindo em lugar de seu pai que está na guerra contra Robb Stark nas Terras Fluviais. Depois da Batalha da Água Negra, Tywin retorna e assume o governo do reino como Mão do Rei, marginaliza Cersei, e planeja encontrar-lhe um novo marido.

Cersei fica cada vez mais desconfiada da Casa Tyrell, principais aliados dos Lannister com o fim da guerra e especialmente, Margaery Tyrell, a noiva de seu filho Joffrey, que com 12 anos no início da trama, é detentor de um gênio muito forte quando criança e possui um temperamento incontrolável, não diferente de sua mãe, além de impulsos sádicos. Tem pouco senso de certo e/ou errado, o que sempre o deixa em problemas, especialmente quando suas vontades não são atendidas, culpando os outros, conseqüentemente, por seus erros. Vale lembrar que Joffrey era um bastardo, devido a isso, sua pretensão ao Trono de Ferro foi desafiada pelo irmão mais novo de Robert, Stannis Baratheon, o que não evitou que o primogênito de Cersei seja formalmente denominado após receber a benção do Alto Septão⁴ como “Sua Graça,

⁴ Compreende-se como sacerdote, chefe religioso responsável pela Fé dos Sete, religião praticada na trama.

Joffrey da Casas Baratheon e Lannister, o Primeiro de Seu Nome, Rei dos Ândalos e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Reino”, título pouco condizente com suas atitudes e sua origem, visto que pertence apenas à Casa Lannister, devido à relação incestuosa.

Joffrey foi originalmente prometido a Sansa Stark, a quem ele manteve em cativeiro em Porto Real depois de ter decapitado seu pai Eddard Stark por traição, por que o mesmo tentou revelar a verdade sobre sua paternidade. No entanto, mais tarde ele troca Sansa por Margaery Tyrell, como parte da nova aliança entre a Casa Lannister, os principais patrocinadores de Joffrey, e a Casa Tyrell, cujo apoio ajudou a salvar a Porto Real do ataque de Stannis Baratheon. Cersei se mostra extremamente insatisfeita com os acontecimentos, visto que não gosta da noiva de seu filho, nutrindo ciúmes devido a beleza de Margaery e pelo fato de que não será mais a principal mulher da vida de Joffrey, que sempre esteve à mercê da vontade de Cersei, inclusive tendo muitas de suas características. Unindo ao fato de que Joffrey é considerado o herdeiro do trono oficialmente, temos um jovem rei inconsequente, detentor do trono de ferro.

Em seu casamento com Margaery Tyrell, Joffrey é assassinado por beber vinho envenenado. Seu gesto final foi apontar em direção ao seu tio, Tyrion Lannister. Após a sua morte, Cersei Lannister prende Tyrion em razão do regicídio, embora os reais responsáveis tivessem Petyr Baelish e Olenna Tyrell. Após a morte de Joffrey, Jaime retorna para Porto Real, e sem delongas, tem relações sexuais com Cersei diante do corpo do filho que estava sendo velado, mesmo ela recusando. A rainha então procura consolo na vingança da morte de seu filho, procurando artifícios para punir seu irmão Tyrion, ao mesmo tempo que começa a criar um laço maior com seu filho Tommen.

3.2 - Catelyn e Robb

Catelyn Tully é esposa do Lorde Eddard Stark, lorde supremo do Norte, e se tornou Senhora de Winterfell. Juntos, tiveram cinco filhos: Robb, Sansa, Arya, Bran e Rickon. Nascida da Casa Tully de Correrrio, os senhores supremos do Tridente, Catelyn é filha de Lorde Hoster Tully com a Senhora Minisa Whent, e irmã de Lysa Arryn e Edmure Tully.

Catelyn é orgulhosa, forte, gentil e generosa, sendo vista como honrada e justa por muitos, considerando o senso de dever como um princípio de comportamento. Catelyn também possui forte tato político o que, aliado aos seus consideráveis recursos, a tornaram uma influente nobre em Westeros. Porém, Catelyn é uma mulher ferozmente protetora, o que a fez seguir muitas vezes o coração ao invés da cabeça principalmente quando sua família esteve envolvida. Apesar disso, ela sempre desprezou o filho bastardo de seu marido, Jon Snow, e nunca perdoou o marido por trazê-lo para Winterfell. Ao contrário de Eddard, ela é adepta à Fé dos Sete. É descrita como bela, mesmo depois de dar à luz à cinco filhos, com cabelos ruivos e olhos azuis. Ela se veste sem ostentação, usando o cinza dos Stark e o azul e vermelho dos Tully.

Passou sua infância em Correrrio, onde desenvolveu uma profunda amizade com o protegido de seu pai, Petyr Baelish. Embora o amigo tenha se apaixonado por ela e pedido sua mão em casamento, Catelyn nunca correspondeu seus sentimentos. Quando ela tinha doze anos, foi anunciado que estava prometida a Brandon Stark, herdeiro de Winterfell, uma união que firmaria laços entre as duas grandes casas. O compromisso de Catelyn com Brandon foi interrompido quando eles, junto com seu pai, foram mortos pelo Rei Louco, iniciando a *Rebelião de Robert*, liderada pelo irmão mais jovem de Brandon, Eddard Stark, e por Robert Baratheon. Durante a rebelião, a aliança entre os Stark e os Tully foi confirmada quando Eddard ocupou o lugar do irmão mais velho e se casou com Catelyn. Após a noite de núpcias, Eddard partiu para a guerra e Catelyn, grávida, esperou seu retorno, recebendo-o com seu herdeiro, Robb, quando ele voltou. Os dois partiram para criar o menino em Winterfell e, com o tempo, os dois criaram fortes vínculos de amor duradouro.

Com o tempo, os dois tiveram os demais filhos, mantendo-se como uma família unida e feliz. O único ponto de discórdia era Jon Snow, o filho bastardo de Eddard, que insistia em criá-lo em Winterfell junto com os filhos legítimos, para o total desagrado de Catelyn.

Robb Stark, primogênito de Catelyn e Eddard com 14 anos é eleito o herdeiro de Winterfell. Robb nasceu em Correrrio, provavelmente sendo fruto da noite de núpcias de Eddard com Catelyn, já que o homem partiu imediatamente após o casamento para lutar na Rebelião de Robert. Quando Eddard retornou, Catelyn o saudou com o bebê Robb e os dois partiram para Winterfell, onde Ned comandava como Lorde e Robb sendo criado como seu legítimo herdeiro. Robb sempre se deu bem com seus irmãos

mais novos Sansa, Arya, Bran e Rickon. Tem Jon Snow como meio-irmão e adotou um lobo gigante chamado Vento Cinza, um companheiro inigualável e uma fera temível no campo de batalha. O rapaz também fez amizade com o protegido do pai, Theon Greyjoy, que dizia considerá-lo uma espécie de irmão mais novo.

Após a prisão de Eddard por alta traição, quando Cersei Lannister se torna rainha regente após a morte inesperada de Robert, Catelyn então se junta a seu filho Robb Stark, que reuniu os vassalos da Casa Stark e a Casa Tully para lutar pela liberdade de Eddard, que é executado por ordem do rei Joffrey Baratheon. Catelyn promete para Robb que eles vão trazer justiça e se vingar. Ele convocou seus vassalos e partiu para o sul para ajudar seus aliados no Tridente e libertar o pai. Após a morte do pai foi nomeado *Rei do Norte* e *Rei do Tridente* por seus seguidores. Chamado de Jovem Lobo por aliados e inimigos ele herdou de Eddard sua honradez.

No conflito resultante Robb se mostra um comandante de batalha adepto, garantindo várias vitórias notáveis sobre as forças Lannister e capturando Jaime Lannister. No entanto, ele é um político ingênuo e inexperiente, colocando conduta honrosa sobre preocupações práticas e comete uma série de erros cruciais. Ele quebra um juramento para se casar com a filha de seu aliado Walder Frey, preferindo casar com Talisa Maegyr. Confia Theon Greyjoy para negociar uma aliança com os homens de ferro, entretanto, Theon o trai e toma Winterfell. Robb executa Rickard Karstark, líder dos Kastarks que compõem quase metade do seu exército restante, após o mesmo matar dois meninos da família Lannister.

Com o fluxo da guerra se voltando contra ele, Robb é forçado a voltar para a família Frey novamente e aliar-se com os mesmos. Porém, sem o conhecimento de Robb, Walder Frey e seu vassalo, Roose Bolton haviam feito uma aliança com Tywin Lannister e o traíram. Na festa de casamento, apesar de invocarem os direitos de hóspedes⁵, a Casa Frey junto com a Casa Bolton se rebelam contra os Starks, logo, Robb, sua mulher, Catelyn, Vento Cinza e a maioria do seu exército são massacrados enquanto desprevenidos em um evento que se torna conhecido como o *Casamento Vermelho*. Catelyn em uma tentativa desesperada após descobrir o cerco, toma a esposa de Walder Frey como refém e implora a Robb para fugir. Ele, no entanto, estarecido

⁵ O direito de hóspedes é a única regra respeitada em toda Westeros. Consiste em famílias, mesmo que inimigas, receberem as demais em seu território e prestar hospitalidade, não ameaçando a família visitante e sendo cordial. A Família Frey após a quebra do direito de hóspedes cai em desgraça, tendo os próprios Lannisters se voltado contra a mesma para não ser mal vista.

com a morte da mulher, é pessoalmente assassinado por Roose Bolton. Após a morte do filho, Catelyn perde suas forças e tem sua garganta cortada. Isso efetivamente termina a rebelião do Norte e os Starks são destituídos de sua autoridade ancestral na região nortenha.

4- Discussão: Sobre os personagens - entre leões e lobos

As mães nas obras literárias correspondem ao padrão materno que a sociedade considera como correto, ou seja, mães dotadas de afeto, amorosidade e compaixão. De antemão, temos como grande exemplo a Virgem Maria, que é um grande pilar para a bíblia e os cristãos. Contudo, é importante lembrar que a mãe nem sempre constitui esse espaço, com ressalva de algumas obras literárias. As figuras de Cersei Lannister e Catelyn Stark, mesmo sendo antagônicas, possuem uma estrutura semelhante, que é a fetichização da maternidade, ou seja, escolha objetual de crianças, tornando-as os filhos eleitos. É evidente a superproteção, a projeção narcísica, e um amor tendencial e devotado, a fim de trazer segurança para suas crianças, que por fim torna-se crucial para o desfecho trágico das mesmas.

Em relação a Cersei e Joffrey, vemos que ambos possuem comportamentos que condizem com o animal totêmico representante da Casa Lannister. Esta descende do lendário malandro, Lann, o Clever, que enganou os Senhores de Rochedo Casterly utilizando apenas sua inteligência, onde em seguida, arrancou o ouro do sol para iluminar seu cabelo. Os Lannisters são senhores do Sul, o segundo maior reino e o mais populoso, possuindo diversas cidades, a principal é Ponta Tempestade. Seus membros são extravagantes e ambiciosos, com cabelos dourados e olhos verdes, levando tudo ao dinheiro sempre que possível. Nobres, são extremamente preocupados com as aparências. Seu lema consiste em *Ouça-me Rugir*, e seu símbolo é um grande leão. Os Lannisters utilizam armaduras com jubas de leões e por vezes elmos com as presas de um leão.

As características de Joffrey condizem com os atos de sua mãe Cersei, que durante todo o enredo, atende aos pedidos da criança, colocando-o em primeiro lugar, acima de seus demais filhos. No entanto, é importante lembrar que a relação entre Cersei e Joffrey não é incestuosa no real, contudo, a criança se sobrepõe a todas as vontades da rainha e qualquer atitude que ameace, ou seja, contrária aos caprichos da criança, são tomadas como atos criminosos, que devem ser severamente punidos,

alimentando cada vez mais o comportamento sádico de Joffrey, que mostra afeto para com a mãe, mas é ciente de que está acima dela, uma vez que é detentor não somente do falo, mas também do trono de ferro. Joffrey tem sua personalidade estruturada a partir da relação estabelecida com sua mãe, uma vez que seu pai Robert é ausente na criação do suposto filho, não fazendo operar a metáfora paterna. Além disso, a família Lannister dá indícios de que a lei não é bem estruturada e exercida entre os seus membros, e tal afirmação pode ser evidenciada na relação incestuosa dos pais de Joffrey. Os segredos e não-ditos da família Lannister traz efeitos na estruturação subjetiva de seus membros (vale lembrar que Joffrey não sabe a respeito do seu verdadeiro pai, crendo que Robert é, de fato, seu pai.). Não é por acaso que Joffrey funciona a partir do mecanismo típico da estrutura perversa – a denegação. Além disso, compreende-se que Joffrey faz sua passagem pelo Édipo permanecendo ligado amorosamente a sua mãe sem que a função paterna pudesse operar devidamente. Não há nada que se imponha entre Cersei e Joffrey para fazer barreira ao gozo fálico entre mãe e filho.

Considerando o que Freud (1913) trata em *Totem e Tabu* acerca do pai totêmico⁶, há uma transformação do pai devastador primitivo para o pai simbólico que dita os códigos da Lei moral e que funciona como aquele que reforça as exigências do supereu, através do cumprimento dos mandamentos e das regras sociais. Na família Lannister tais códigos não são preservados, contudo entre os Starks verifica-se a presença de uma lei que funciona apropriadamente como veremos a seguir.

Os membros da família Stark têm características bem definidas como rostos alongados, cabelos escuros e olhos de cor cinza. Seu lema é *O Inverno está chegando*, e seu símbolo é um lobo gigante. Casualmente os Starks costumam ter lobos gigantes de estimação, assim como teve Robb Stark. A Casa tem como apreço o seguimento de normas, leis e a preservação da justiça para com todos, o que diverge da Casa Lannister. Na família Stark, todas as leis são respeitadas e cumpridas, onde Eddard consegue passar o tocante aspecto para seus filhos. Robb cresce presenciando um relacionamento saudável e romântico entre seus pais e toma seu genitor como fonte de inspiração,

⁶ Pai dos primeiros clãs, que expulsava os filhos quando chegavam à idade adulta, e estes se reuniam e retornavam à horda para matar e devorar o pai, em busca do gozo interdito pelo mesmo, desencadeando em angústia e finalizando a horda patriarcal. Ao devorá-lo, os filhos se identificam com o pai primitivo para adquirir sua força. O sentimento de culpa que poderia advir desse ato é aliviado porque todos do clã participam do banquete totêmico. Porém não há sucesso na organização da sociedade, devido ao remorso, sentimento de afeição recalcado, da ambivalência amor-ódio em relação ao pai. Como tentativa de solução, os filhos instituem novas leis, como a proibição do ato criminoso através da proibição da morte do totem como substituto do pai. (Freud, 1913 p.145)

integridade e honestidade. Seu senso de justiça durante a batalha desencadeou sua derrota.

No tocante a relação entre Catelyn e Robb vemos que, desde o princípio, a premissa do primogênito como filho predileto se faz evidente. Robb é o filho gerado nas núpcias e com o qual a mãe espera a volta do marido no retorno da guerra. Catelyn parece ter “escolhido” a terceira saída para lidar com o enigma do feminino, a saber a maternidade, como descreve Freud (1933) na conferência sobre a *Sexualidade Feminina*. Nesse sentido, Catelyn parece lidar com a castração através do modo que Freud concebeu como o mais apropriado, tendo um filho e tornando-se verdadeiramente mãe. Apesar de demonstrar amor e dedicação pelo filho Catelyn não o toma como único objeto de desejo ou para resolver um Édipo que tenha permanecido irresoluto.

Cersei, por sua vez, nos dá indícios de que permaneceu invejando o pênis e, por isso, o busca tão precocemente em seu irmão gêmeo, que era idêntico a ela com exceção da diferença anatômica. Jaime era a imagem completa que, provavelmente, Cersei desejava. Se partirmos da ideia de que Cersei permanece invejando o pênis, primeiro o do seu pai (através do desejo que tinha pelo seu poder) e depois o de seu irmão, não é difícil pensar que a relação com seu filho primogênito funciona como um total encobrimento de sua falta como mulher. Desejar o trono para si e, posteriormente, para seu filho pode ser um indício do que estamos propondo. Contudo, nem todo o amor que Cersei pensa ter para com Joffrey foi capaz de livrá-lo de uma morte por envenenamento, uma arma que ela própria utiliza para aniquilar com seus inimigos.

Conforme propôs Lobo (2008), as mães devem administrar dentro de si um trinômio, com inter-relações complexas, formado pelas figuras de mãe, mulher e filha. A “*mãe suficientemente boa*” pode ser pensada como herdeira de uma relação primeira com os objetos responsáveis por cuidar da mãe e, em seu exercício, a feminilidade e a condição de mulher são asseguradas. A “*mãe suficientemente boa*” não dissocia os registros do sexual e do maternal, reconhece a própria ambivalência e identifica seu amor e sua raiva, sem nada fazer a respeito. Apenas a comporta e a tolera, reconhecendo o equívoco como essencial à existência humana.

Grando *et al* em “*Mãe suficientemente boa na contemporaneidade: Uma (re) leitura Winnicottiana*” (2012), ressalta que cabe reafirmar que a família embora conviva em eternas mudanças, necessita ter um ambiente afetuoso para a solidificação saudável da personalidade de seus filhos, sendo importante a qualidade disponível desse tempo para com seus rebentos. No tocante a família Stark, o ambiente amoroso é evidente.

Catelyn e Robb sempre foram amparados por Eddard enquanto vivo e a *posteriori*, com sua morte, Robb assume a posição de cuidador e senhor do Norte. Catelyn, a nosso ver, conseguiu resolver bem as questões condizentes ao feminino, o que a deixa mais livre para o exercício de sua maternidade.

Em contrapartida, a família Lannister, que não possui os laços afetivos dos Starks, possui uma vivência árdua, com restrições advindas do pai de Cersei, dotado de uma personalidade fria. Além disso, Cersei perde sua mãe muito cedo e, provavelmente duas perguntas que a ela seriam destinadas, a saber: “*O que é ser uma mulher? O que é ser mãe?*” ficam caladas e silenciadas em seu interior, promovendo uma confusão entre esses papéis. As dificuldades de Cersei também retornam no encontro com sua nora, uma outra mulher que entra na vida de Joffrey ameaçando, na perspectiva dela, o amor entre mãe e filho e o seu lugar de exclusividade frente o amor do filho.

5- Considerações Finais

De uma grande complexidade, a obra de George R.R. Martin oferece um mundo novo aos leitores, onde os personagens da ficção, por sinal, demasiadamente humanos, apresentam com riqueza características reconhecidas em nosso mundo real. Articular as personagens escolhidas aos conceitos psicanalíticos convocou um olhar crítico a respeito da relação mãe e filho.

Considerando que a maternidade é, em suma, uma nova fase para a mulher, que precisa lidar com um desafio desconhecido, apesar de todas as imposições e leituras que podem ser realizadas. A subjetividade da história de cada menina que gerará vida ao crescer, possibilita analisar a maternidade de personagens fictícias amadas e odiadas por milhares de fãs das obras de Martin, onde visando o ambiente da história e a adaptação dos livros para a série, trouxe uma maior empatia para com Cersei e Catelyn devido as atrizes que as interpretam.

Trabalhar com as Crônicas de Gelo e Fogo, trouxe obstáculos que de um modo satisfatório desenlaçou a possibilidade de unir a literatura com conceitos abarcados durante a trajetória do curso, onde a riqueza de detalhes e o caráter humano realístico, proporciona uma leitura complexa que desenvolve questionamentos a serem levantados. Diante disso, fica a critério para um despertar que será levantado posteriormente,

possibilitando um aprofundamento na união iniciada por Freud entre literatura e psicanálise.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. O que quer uma mulher?; tradução, Dulce Duque Estrada. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

BARTHES, Roland. O prazer do texto. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1987

BECKEL, Gilcia G. Literatura e Psicanálise: Qual a relação? Escola Lacaniana da Bahia. BA. 2006. Disponível em <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/literatura-psicanalise.pdf>> Acesso em 05 de maio de 2016.

BITTENCOURT, Maria Inês G. F. VILHENA, Junia. Mãe demais, pai de menos: Uma leitura psicanalítica do filme Instinto Materno. 2014. Disponível em: <<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-vi/artigos/artigo-2.pdf>>. Acesso 12 de maio de 2016.

BULFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis; tradução David Jardim. Rio de Janeiro: 34ª Ed, Ediouro, 2006.

FARIAS, Cynthia; LIMA, Glaucineia. A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. Estilos clín., São Paulo, v. 9, n. 16, p. 12-27, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 de maio de 2016.

FREUD, Sigmund. (1913) Totem e Tabu e Outros Trabalhos. Vol.13 da Edição standard brasileira das obras completas Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____, Sigmund. (1908 [1907]) Escritores criativos e devaneio. Vol.9 da Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

_____, Sigmund. (1933) Novas conferências introdutórias. Vol.22 da Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____, Sigmund. (1915) Pulsões e destinos das pulsões Vol. da Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____, Sigmund (1905) Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GRANDO, Marina S. et al. Mãe suficientemente boa na contemporaneidade: Uma re (re) leitura Winnicottiana. IX Anped Sul. Seminário de pesquisa em educação da Região Sul.2012

LACAN, Jacques. (1969). Nota sobre a criança. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 369-370.

LAURENT, Eric. A sociedade do sintoma. Trad. Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2007

LAURENT, Eric. Posições femininas do ser. In: *Agente* n. 13, Bahia nov. 2000

LIMA, Glaucineia Gomes de. Da mãe a mulher: Os circuitos do amor, desejo e gozo. Glaucineia Gomes de Lima; orientadora Walkíria Grant. São Paulo, 2006.

LOBO, Silvia. As condições de surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. Rev. bras. Psicanálise [online]. 2008, vol.42, n.4, pp. 67-74. ISSN 0486-641X.

LONDRES, Estela V. W. O Mito da Maternidade Glorificada. Revista Brasileira de Psicanálise (online) · Volume 42, n. 4, 113-123 · 2008

MARTIN, George R. R. (2000) As Crônicas de Gelo e Fogo: A Fúria dos Reis; tradução: Jorge Candeias. Leya, 2011

_____, George R. R. (1996) As Crônicas de Gelo e Fogo: A Guerra dos Tronos; tradução: Jorge Candeias. Leya, 2010

_____, George R. R. (2005) As Crônicas de Gelo e Fogo: O Festim dos Corvos; tradução: Jorge Candeias. Leya, 2012

_____, George R. R. (2000) As Crônicas de Gelo e Fogo: O Tormento das Espadas; tradução: Jorge Candeias. Leya, 2011

_____, George R. R. Por Dentro da Série HBO Game of Thrones. 1ª Ed. Leya
2013

MILLER, Jacques-Alain. (1996) A Criança entre a mulher e a mãe. Opção Lacaniana
online nova série Ano 5. Número 15. Novembro 2014

NÁSIO, J. D. Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa / J.-D. Nasio;
tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Zahar, 2007

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Trad. Vera Ribeiro e Lucy
Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1998

SAMPAIO, Camila. P. Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação / Giovanna Bartucci
(org.) – Rio de Janeiro: Imago, ed. 2002 p. 153 a 177

TEIXEIRA, Leônia C. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em
Freud. Psyche (Sao Paulo). v.9. n.16. São Paulo, dez. 2005

VILLARI, Rafael A. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura.
Psicol. Cienc. prof. vol.20. no.2. Brasília, june 2000